

## ?Inevitável Mundo Novo??

24 de Novembro, 2013 - 00:42h

[Ignacio Ramonet](#) <sup>[1]</sup>

Cinquenta anos após a morte de Aldous Huxley, a sua obra alerta: o avanço científico pode ser, em sociedades desiguais e mercantilizadas, o caminho para barbárie. Artigo de Ignacio Ramonet.

Seria pertinente reler, hoje, *Admirável Mundo Novo*? Seria pertinente retomar um livro escrito há aproximadamente 70 anos, numa época tão distante que nem sequer a televisão havia sido inventada? Seria essa obra algo além de uma curiosidade sociológica, um *best seller* comum e efêmero que, no ano da sua publicação, 1932, vendeu mais de um milhão de exemplares?

Essas questões parecem ainda mais pertinentes porque o género da obra ? a fábula premonitória, a utopia tecno-científica, a ficção científica social ? possui um alto grau de obsolescência. Nada envelhece tão rápido quanto o futuro. Ainda mais na literatura.

E, entretanto, quem superar essas reticências e novamente mergulhar nas páginas do *Admirável Mundo Novo* certamente ficará chocado com sua atualidade surpreendente. E irá constatar que o presente alcançou o passado, pelo menos por uma vez.

O romance, que se tornou um grande clássico do século 20, narra uma história que se passa num futuro distante, por volta de 2500, ou mais precisamente, ?por volta do ano 600 da era fordista?. Sátira homenagem a Henry Ford (1863-1947), pioneiro norte-americano da indústria automobilística (e ainda hoje uma das famosas marcas do ramo), inventor de um método de organização do trabalho para a produção em série e da padronização das peças.

Essa técnica, pensada por Ford na década de 20, transformou, por assim dizer, os trabalhadores em autómatos, em robôs repetindo o mesmo gesto o dia inteiro. Apesar de seu carácter desumano, foi uma verdadeira revolução no universo industrial e rapidamente adotada, da Alemanha à União Soviética, por todas as grandes indústrias mecânicas do mundo. No mundo sindical e operário, e também entre os intelectuais, o fordismo suscitou críticas violentas, que artistas e criadores da época muitas vezes abordaram com indiscutível talento cáustico. Pensemos, por exemplo, em *Metropolis*, de Fritz Lang (1926), ou *Tempos modernos* (1935), de Charles Chaplin.

O autor de *Admirável Mundo Novo*, Aldous Leonard Huxley (1894-1963), era um homem afeiçoado à cultura, particularmente à cultura científica. O tipo do intelectual onisciente, sedutor e com opinião sobre quase tudo.

Nascido numa família inglesa à qual pertenceram numerosas personalidades célebres,

Aldous Huxley era parente, por parte de mãe, do escritor Matthew Arnold (1822-1888), autor dramático, crítico, humanista, viajante e professor de poesia na Universidade de Oxford. O seu avô, Thomas Henry Huxley (1825-1895), era um conhecido naturalista, defensor das teorias evolucionistas de Darwin e autor de uma obra famosa sobre a origem da espécie humana (*O lugar do homem na natureza*, 1863). Finalmente, seu irmão Julian Huxley (1887-1975) era biólogo e filósofo, e também partidário das teorias da evolução. Especialista em genética, criticava, com muita pertinência, as teorias fantasistas do geneticista soviético Lyssenko. No período de 1946 a 1948, foi o primeiro diretor geral da Unesco.

Como não poderia deixar de ser, Aldous Huxley estudou em Eton e Oxford, os grandes centros de condicionamento das elites britânicas. Também ele havia pensado em estudar ciência, mas foi impedido devido a uma grave doença na visão. Aos vinte anos, quase cego, só conseguia ler com o auxílio de uma grossa lupa e aprendeu braille, como todos os cegos. Apesar da dolorosa deficiência que o acompanhou por toda a vida, Huxley começou a publicar seus primeiros livros de poemas aos vinte e cinco anos e, depois dos horrores da primeira guerra mundial (1914-1918), passou a manifestar uma visão do mundo irônica e desencantada.

Ao retornar de uma viagem à Índia, travou grande amizade com o escritor D.H. Lawrence (autor do conhecido romance *O Amante de Lady Chatterley*, 1928), que, já tuberculoso e às vésperas de sua morte em 1930, em Veneza iria exercer sobre si uma importante e duradoura influência.

Nos seus primeiros romances (*Crome Yellow*, 1921; *Antic Hay*, 1923; *Those Barren Leaves*, 1925; *Point Counter Point*, 1928), Aldous Huxley apresenta um universo no qual a cultura e o humanismo são ameaçados por aqueles que mais os deveriam proteger. Escritos com uma sinceridade cruel, esses livros são sátiras de uma inteligência aguçada e exprimem as fraquezas e desilusões da geração perdida. Ele mostra um humor frio, cortante, paradoxal, à moda de Jonathan Swift, ao evocar, com ceticismo, a sociedade da década de 1920.

Nesse sentido, *Admirável Mundo Novo*, que é o livro mais representativo desse período, seria mais um conto filosófico à maneira de Voltaire, no qual o talento do escritor, ainda sendo grande, é ultrapassado pelo temperamento do moralista.

Essa visão pessimista do futuro e crítica feroz do culto positivista da ciência foi escrita no momento em que as consequências sociais da grande crise de 1929 castigavam as sociedades ocidentais e quando a credibilidade dos regimes democráticos capitalistas parecia vacilar. Antes da subida ao poder de Adolf Hitler, em 1933, o *Admirável Mundo Novo* denuncia a perspectiva aterrorizante de uma sociedade totalitária fascinada pelo progresso científico e convencida de poder oferecer uma felicidade obrigatória a seus cidadãos. Apresenta uma visão alucinante de uma humanidade desumanizada pelo acondicionamento à Pavlov [1] e pelo prazer ao alcance da pílula (o soma?). Num mundo horivelmente perfeito, a sociedade dissocia a sexualidade da procriação por motivos eugênicos e produtivistas.

Em *Admirável Mundo Novo*, a americanização do planeta está completa: tudo padronizado e fordizado, tanto a produção de seres humanos, resultantes de manipulações genético-químicas, quanto a identidade das pessoas, produzida por hipnose auditiva, durante o sono a *hipnopedia*, qualificada por um personagem do livro como a maior força socializadora e moralizadora de todos os tempos.

Os seres humanos são, portanto, "produzidos", no sentido industrial do termo, em indústrias especializadas "os" "centros de incubação e condicionamento" "segundo modelos variados, de acordo com tarefas bem especializadas atribuídas a cada indivíduo e indispensáveis numa sociedade obcecada pela estabilidade.

No momento de sua fabricação num frasco de vidro, graças ao "método Bokanovsky" (que permite produzir até noventa e seis seres humanos quando, no passado, só era possível obter um único), cada óvulo "e depois cada embrião" recebe doses mais ou menos importantes de estímulos físicos e ingredientes químicos. Essas doses irão condicionar, de forma definitiva, a capacidade intelectual, e determinarão a que categoria e casta pertencerão, em ordem decrescente, esses seres humanos: Alfa, Beta, Delta, Gama, Ipsilon? segundo o grau de complexidade da atividade profissional a que estarão destinados.

Além do mais, cada ser humano é educado, desde nascença, nesses "Centros de condicionamento do Estado" em função de valores específicos do seu grupo, recorrendo-se sistematicamente à hipnopédia para manipular seu espírito, para criar nele "reflexos condicionados definitivos" e fazer com que aceite seu destino. "Com repetições três noites por semana, durante quatro anos, declara um especialista em hipnopédia. Sessenta e duas mil repetições criam a verdade."

Dessa forma Aldous Huxley ilustrava, no livro, os riscos contidos em teses formuladas desde 1924 por John Watson, o pai do "behaviorismo", "ciência da observação e controle do comportamento" Watson afirmava, friamente, que poderia pegar na rua, ao acaso, uma criança saudável, e fazer dela, conforme sua escolha, um médico, um advogado, um artista, um mendigo ou um ladrão, não importando para isso o seu talento, as suas preferências, as suas tendências, as suas capacidades, os seus gostos ou a origem de seus antepassados.

Em *Admirável Mundo Novo*, que é fundamentalmente um manifesto humanista, é possível perceber, e com razão, uma crítica corrosiva à sociedade estalinista, da utopia soviética construída com mão de aço. Mas há também uma sátira clara à nova sociedade mecanizada, padronizada, automatizada que se instalava nos Estados Unidos em nome da modernidade tecnicista.

Huxley, excessivamente inteligente e admirador da ciência, exprime, nesse romance, no entanto, um profundo ceticismo em relação à idéia do progresso, uma desconfiança em relação à razão. Diante da invasão do materialismo, deixa uma das mais profundas peças de acusação às ameaças do cientificismo, da mecanização e do desprezo pela dignidade individual. No fundo, avalia com um desespero lúcido, a técnica que assegurará aos seres humanos um conforto exterior total, um aperfeiçoamento notável. Qualquer desejo, na medida em que puder ser manifestado e sentido, será satisfeito. Porém os homens terão perdido sua razão de ser. Irão tornar-se, eles mesmos, máquinas. Não será mais possível falar em condição humana, no sentido próprio.

O título original "Brave New World" é tomado emprestado de uma das últimas peças de William Shakespeare, *The Tempest* (1611). Miranda vê os príncipes de Nápoles desembarcarem de um navio naufragado e exclama: "Esplêndida humanidade, maravilhoso mundo novo, quem pode nutrir seres tão perfeitos!?"

No espírito de Huxley, esse título é uma antífrase, pois o mundo que descreve nada tem de maravilhoso. É uma sociedade de castas, imutável, perene, onde tudo é programado e não

há mais lugar para o acaso. Faz-se tábua rasa do passado, como recomenda *A Internacional*, o que, de facto, a cultura de massa realiza. Os monumentos clássicos de todas as civilizações foram derrubados, a literatura foi queimada, os museus destruídos, a história apagada.

Excesso de pessimismo ou simples lucidez? Sabemos que Huxley demonstrou, nesse livro, um senso excepcional de antecipação. A história recente demonstrou que as suas profecias mais sombrias estavam em vias de se realizar, assim como, em matéria de manipulação, ele soube prever o surgimento de novas ameaças.

Pessimista e sombrio, o futuro visto por Aldous Huxley serve-nos de advertência e incentiva-nos, numa época de manipulações genéticas, de clonagem e da revolução do ser vivo, a acompanhar de perto os atuais progressos científicos e os seus potenciais efeitos destrutivos. *Admirável Mundo Novo* ajuda a compreender o alcance dos riscos e os perigos com os quais nos deparamos, quando, por todos os lados, novamente, os avanços científicos e técnicos nos confrontam com desafios que põem em perigo o futuro de nosso planeta. E o futuro da espécie humana.

---

*Publicado originalmente no "Le Monde Diplomatique Brasil", edição internet, setembro de 2000. Tradução: Teresa Van Acker. Republicado por Outras Palavras [2].*

#### **Nota:**

[1] O russo Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) é bastante conhecido por suas descobertas sobre a psicologia da digestão: as experiências de Pavlov permitiram-lhe, particularmente, condicionar o reflexo salivar nos cães.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/artigo/%E2%80%9Cinevit%C3%A1vel-mundo-novo%E2%80%9D/30351?page=0>

#### **Ligações:**

[1] <http://www.esquerda.net/autor/ignacio-ramonet>

[2] <http://outraspalavras.net/>